

CA 24.6.51  
RN 224  
M 492

## HISTÓRIA INCOERENTE MAS AUTÊNTICA. DE HOMEM, CACHORRO, NEGÓCIOS E TELEGRAMA

O homem tinha bebido muito e chegou em casa cansado e triste. Da varandinha, quando tirou a chave do bôlso, viu um cachorro no canto. Era um cachorro magro e sujo, feio. Enxotou-o com um "passa!" e um gesto. O cachorro levantou-se, mas ficou parado, olhando o homem com seus olhos tristes. "Passa!". O bicho teve um estremecimento de medo e desceu a escadinha, saiu para a rua.

O homem dormiu, acordou, tomou banho, tomou café, leu jornal, vestiu-se; quando ia saindo, viu que lá estava outra vez o cachorro, no mesmo lugar. A luz do dia éle era mais miserável e sujo. Vendo o homem, ficou a olhá-lo, como pedindo que o deixasse sossegado. O homem bateu com o pé no chão, éle saiu para a calçada. Quando ia dobrando a esquina, o homem viu que o cachorro ficara parado, olhando para sua casa, esperando para voltar. Teve raiva, enxotou-o para mais longe; e como éle não obedecesse logo, procurou no chão um pedaço de pedra para jogar. "Não para acertar, pensava. Repugna-me a idéia de ferir esse bicho tão velho, tão doente, tão escalavrado. Será que éle está com fome? Eu podia dizer à empregada para dar comida a éle mas aí éle se acostuma; e é muito nojento. Parece que esse bicho resolveu morrer na minha varanda".

O cachorro afinal foi-se embora, e o homem também. Não sabemos onde foi o cachorro. O homem, nós sabemos. O homem entrou no escritório, conversou com outros homens, telefonou, teve um convite para um jantar, abriu várias cartas, inclusive uma da mulher, que estava viajando, outra de um americano que agradecia as atenções que éle lhe dispensara; outra propondo ações de uma nova companhia com um manifesto assinado por uma porção de nomes importantes, outra de um banco com sua conta corrente, outra de um conhecido antigo lembrando uma velha amizade, pedindo um dinheiro emprestado porque sua situação era muito ruim, e mais o cartão postal de uma piazza qualquer de um duomo qualquer com a letra alta e fina de uma cantora em excursão pela Europa ("está aí, pensou éle, não esperava que ela me

mandasse um cartão; pensei que estivesse aborrecida comigo, eu fui meio grosseiro aquela noite, coitada"). E depois o homem voltou para casa, encontrou outra vez o cachorro, enxotou-o, resolveu tomar outro banho, vestiu-se, saiu para o jantar, ficou contente de encontrar duas senhoras bonitas; comeu, bebeu, conversou, disse e ouviu tolices com prazer, marcou um encontro para o dia seguinte com uma daquelas senhoras, bebeu mais, dançou, acabou voltando para casa, encontrando o cachorro, enxotando o cachorro, dormindo. E no dia seguinte também tinha o cachorro, e de noite também, e no outro dia também, e na noite do outro dia também. O homem ficava com raiva, mas logo se esquecia do cachorro, porque quando saía de dia estava pensando em seus negócios e quansáia de noite estava pensando em outra coisa, e durante os outros dias e noites (sempre enxotando o cachorro) éle começou um negócio novo muito bom e se meteu em uma nova história de amor com uma mulher muito bonita, mas uma história meio complicada, ainda que muito interessante.

Não sabemos muito bem o que aconteceu, mas na quinta ou sexta noite a verdade é que o homem chegou em casa muito nervoso e triste, com a cara muito cansada; e quando abriu o portão se lembrou do cachorro. Decerto éle estaria no canto da varanda, talvez morto. Essa idéia lhe veio de repente, um sentimento de que aquela noite éle encontraria o cachorro morto, e o enxotaria em vão, o cachorro não se moveria, éle não teria coragem de tocar naquele bicho morto, o cachorro ficaria a noite inteira na sua varanda, morto.

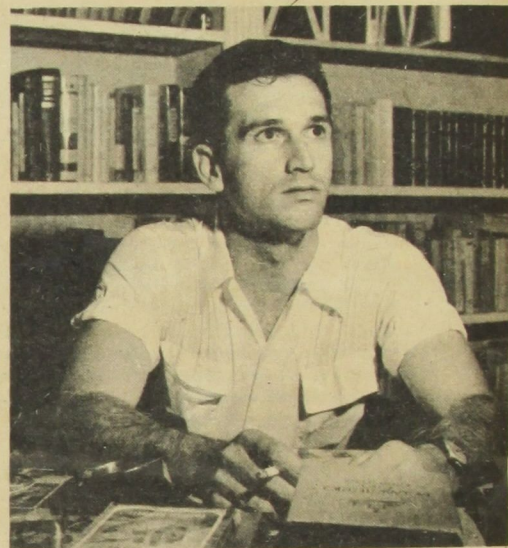
Subiu a escadinha, com raiva, olhou. E pela primeira vez, naqueles cinco dias e cinco noites, o cachorro não estava. Teve um estremecimento, como se sentisse falta daquele odioso, daquele miserável cachorro. Teve uma sensação tão ruim, um remorso tão misturado com raiva, abriu a porta temendo vagamente que o cachorro estivesse dentro da sala, no escuro, mas quando acendeu a luz o que viu foi um telegrama urgente em cima da mesa.

Pegou no telegrama, sentou-se numa cadeira, sua mão estava tremendo, lembrou-se de repente do amigo esquecido que lhe pedira ajuda, sentiu um mal estar, pensou em morte, não quis abrir o telegrama ("acho que estou bebendo de mais; eu sou um idiota, estou com medo; o cachorro pode estar morto na minha cama, meu amigo pode estar morto na minha cama, com os sapatos sujos") e de repente abriu o telegrama, era a mulher pedindo para éle mandar mais dinheiro, o que aliás já providenciara na véspera; e ficou com aquêle inútil telegrama na mão, chorando como um menino, chorando com muitas lágrimas, chorando.

DUAS PAGINAS  
DE

# Rubem

## GENTE DA CIDADE



*Fernando Sabino*  
escritor

FERNANDO TAVARES SABINO é meio sangue mineiro e meio sangue italiano, e dêste lado parece ter herdado entre outras coisas um certo gosto por novidades e invenções: o avô, italiano, foi o primeiro homem que fabricou sorvete no Brasil, fazendo vir o gelo, que então não se sabia fazer, do hemisfério norte, em navios; seu pai, brasileiro, foi o dono do primeiro automóvel de Belo Horizonte — e Fernando é dessas pessoas que adoram travar conhecimento com um novo tipo de isqueiro para automóvel.

Tem mesmo certo pendor para invenções, por exemplo: descobriu que o melhor meio de descascar abacaxi é usando a faca de cortar pão, e que para ter gelo fácil de tirar, a gente deve pôr no congelador a metade daquele negócio de matéria plástica em que se guardam os ovos na geladeira. Essa atração pelos novos implementos mecânicos se manifesta por meio de marés, findas as quais abandona os novos aparelhos, possuído de uma sêde de simplicidade.

É também, no mais das vêzes, um homem altamente indeciso (ir à praia ou não ir?) e geralmente termina uma longa conversa telefônica com a seguinte frase: "olhe, vamos fazer o seguinte: depois eu ligo para você para a gente resolver isso... ou então você liga para mim", motivo pelo qual os amigos dizem que éle é um Hamlet Telefônico. Outras habilidades, éle as adquiriu como escoteiro, que foi, dos 9 aos 14 anos: semáfora, Morse, acender fogueira com um só palito de fósforo, saber onde é leste e oeste e dar nós de marinheiro.

Depois de escoteiro foi nadador, a princípio no Atlético, mais tarde no Minas Tênis Clube de sua terra natal, Belo Horizonte (nasceu em 1923



## Dois "Sonetos a Dante"

DE MARTINS NAPOLEÃO

## IV

*Uma saudade estranha me chegou  
não sei donde, nem como, nem porque.  
Lembrando-se do mundo onde nasceu,  
minh'alma separou-se de meu corpo,*

*à semelhança de uma coisa còr  
da lua, que subisse para o céu,  
como se fôsse, em lúcida matéria  
desprendida de mim, o último sôpro.*

*E ela assim que de todos os sentidos  
guardou sòmente o olhar, feito mais forte,  
tanto que via sem nenhum limite,*

*sentiu aquela paz sem nome próprio,  
só parecida com a luz que fica  
por sôbre o rosto das crianças mortas.*

## VII

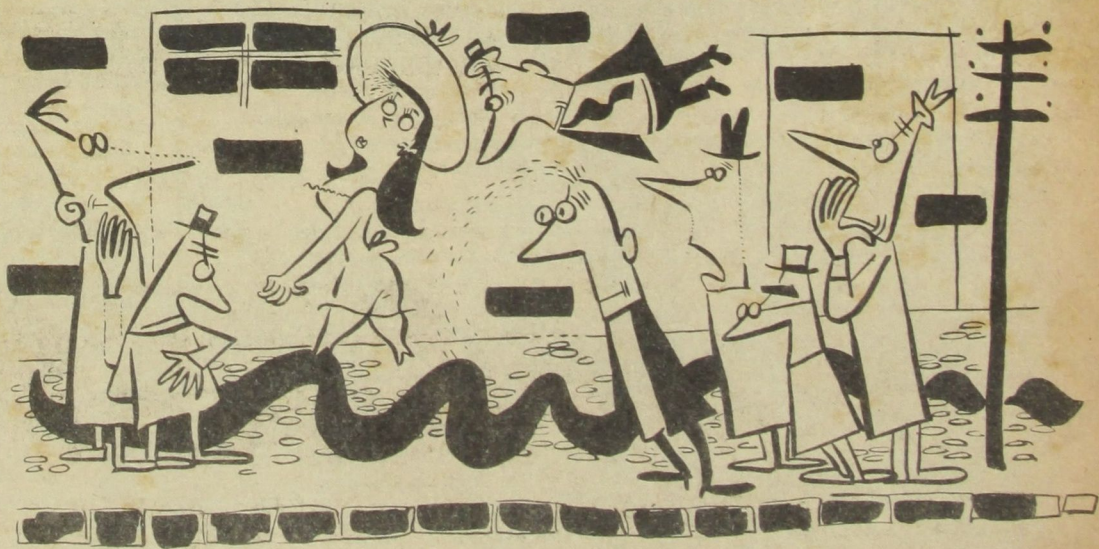
*Dante, não sei se vi, se imaginei,  
mas era aquela a forma do meu sonho.  
Lenta, diante de mim surgindo veio  
como uma sombra transformada em chama.*

*Certo, não era da mortal espécie  
aquela emanção do ser humano,  
em aparência de trêmula beleza  
como uma lâmpada através do pranto.*

*Quase nada entendi, senão com os olhos,  
e à medida que pude contemplá-la,  
eu próprio, como num espelho, eu próprio.*

*me vi dentro da sua claridade.  
Dante, as estrelas pareceram flôres  
que iam caindo sôbre a minha Amada.*

**Benedito MARTINS NAPOLEÃO do Rego é homem de seus 50 anos, e os primeiros 40 viveu em sua terra, o Piauí, como professor, advogado e jornalista, tendo sido, como tantos outros poetas provicianos, diretor da Imprensa Oficial de seu Estado. De 1927 até 1943 publicou seis livros de versos; mas agora, em fins de 1953, com seu último livro "Opus 7" é que êle conquista um lugar entre os bons poetas nacionais. Esse volume (Livraria Editôra Coelho Branco) inicia-se com 20 sonetos a Dante, dos quais tiramos dois para os leitores desta página. O poeta vive nas Laranjeiras e é advogado do B. B.**



na Praça da Liberdade) sendo detentor até um ano e meio atrás de um recorde brasileiro e, até hoje, de três recordes mineiros de nado de costas. Hoje (30 anos) nada muito raramente e nunca monta, embora seja tenente de Reserva da Cavalaria, com estágio feito em Juiz de Fora, conforme suas últimas crônicas em MANCHETE que o leitor certamente recorda; não tem medo de cair do cavalo, mas confessa que um de seus grandes pavores é morrer afogado.

Usa frequentemente gravata borboleta, é católico praticante desde menino, tem um filho e três filhas, é bacharel, já foi oficial de gabinete de um secretário da Agricultura e exerce o cargo de Escrivão da 3.<sup>a</sup> Vara de Órfãos e Sucessões do Distrito Federal. Sua carreira de jornalista iniciou-se na "Folha de Minas" como cronista esportivo; aos 17 anos publicou seu primeiro livro de contos, "Os grilos não cantam mais" seguido da novela "A Marca" e do livro de novelas "A Vida Real", que é o melhor dos três.

Viveu 2 anos em New York e dos artigos que mandou de lá para nossa imprensa fez o livro "Cidade Vazia", pouco lido mas muito bom. Seus amigos mais antigos e constantes são Hélio Pellegrino, que vem desde o Grupo Escolar Afonso Pena e o Ginásio Mineiro, Oto Lara Rezende e Paulo Mendes Campos. Durante algum tempo foi professor de taquigrafia; entende de máquina de escrever e gosta de arquivos de aço. Assovia maravilhosamente e toca bateria, possuindo uma; compôs um chôro sem letra, de parceria com Vinicius de Moraes.

Fala melhor inglês do que francês, não gosta de aumentar seu círculo de relações, interessa-se por pintura e é grande leitor de Herbert Read, o crítico inglês que foi um dos julgadores da 2.<sup>a</sup> Bienal. Autores preferidos: Henry James, Lawrence, Hemingway, Apollinaire, Communigs. Quando mente (para passar um trote ou fazer uma brincadeira com um amigo) seu nariz fica ligeiramente mais fino. Vai ao Maracanã de vez em quando, quando o Botafogo joga; sua distração predileta é o truco, detestando qualquer outro jogo de cartas. Bebe uísque sem regularidade (tem fases caseiras, de leituras, de escrever novelas ou de ouvir jazz) e sempre teve uma grande paciência com bêbados chatos, atualmente esgotada.

Já teve vários automóveis, mas enjoou devido aos pequenos problemas que um carro cria, inclusive apanhar, ou não, amigos ou levá-los, ou não, em casa. Está pensando em ir à Europa pela primeira vez este ano. É sujeito a crises não muito longas de puritanismo. Escreve atualmente dois livros: "Aventuras e desventuras do grande mentecapto Geraldo Viramundo", do gênero pi-caresco, e "Apuração de haveres".

Sonha habitualmente com Marlene Dietrich. Da última vez o sonho foi inocente: passeava em um carro aberto com ela e duas netas dela, e as pessoas em volta o acusavam de gigolô, o que não era verdade. Mas confesso que em outros sonhos houve bandalheira grossa.

R. B.